



## The danger of Literature

## O perigo da Literatura

SILVA, Luiz Felipe Verçosa da<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup>  0000-0002-7619-066X; Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil. E-mail: [felipevercosa@outlook.com](mailto:felipevercosa@outlook.com)

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

### ABSTRACT

This essay aims to reveal the work *Literature in Danger*, by Tzvetan Todorov, reflecting on the main points raised by the Bulgarian theorist about the role and position of Literature in society. In our reflections, we will invert the concept enunciated by the author and invite our reader to an understanding that highlights the power that Literature provokes and exercises in humanity, highlighting its importance in the process of humanization and awareness of the self. Therefore, with this proposal, we aim to think of literature beyond its aesthetic effect, but rather as a social apparatus, capable of representing the desires of a population. To mediate this work, we resorted to the speeches of Holanda (2021), Borges (2019), Cabral (2003) and other authors who think about the proposed theme.

### RESUMO

Este ensaio visa descortinar a obra *A Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov, refletindo sobre os principais pontos levantados pelo teórico búlgaro sobre a função e a posição em que se encontra a Literatura na sociedade. Em nossa perspectiva, inverteremos o conceito enunciado pelo autor e convidaremos o nosso leitor a uma compreensão que destaque o poder que a Literatura provoca e exerce na humanidade, destacando a sua importância no processo de humanização e conscientização do eu. Portanto, com esta proposta, objetivamos pensar a Literatura para além do seu efeito estético e analisá-la como um aparato social capaz de representar os anseios de uma população. Para intermediar este trabalho, recorreremos às falas de Holanda (2021), Borges (2019), Cabral (2003) e outros autores que pensam sobre o tema proposto.

### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

#### **Histórico do Artigo:**

Submetido: 05/03/2023

Aprovado: 29/03/2023

Publicação: 12/08/2023



#### **Keywords:**

Literature, Society,  
Todorov.

#### **Palavras-Chave:**

Literatura, Sociedade,  
Todorov.

## **Introdução**

Certa vez, fui convidado para participar de um *Clube do Livro*, cujo subtítulo era: "*porque literatura*". De imediato, fiquei intrigado com aquela frase, que não vinha em forma interrogativa, e sim, afirmativa. Então, me pus a pensar: mas por que literatura? Na falta de respostas, encontrei TODOROV (2020, p. 23): "porque ela me ajuda a viver". Ao iluminar meu raciocínio, percebi o quanto aquela afirmativa colocava a literatura como uma extensão da existência humana, algo perecível a nossa subsistência. Para mim, a literatura é isso. É esse local de retiro espiritual onde o sujeito, todo preenchido de lacunas, vai se refletir, vai se desnudar. Vai, seguindo as máximas de Candido (2004), se humanizar.

Desse modo, vi que, mais do que uma afirmação, aquela frase continha um chamamento para sair de si e olhar-se de fora. Um devir; um exercício de humanidade. Por essa razão, escolhi o livro de Todorov para trilhar os caminhos desta conversação crítica. Tomando como empréstimo outras vozes da literatura, como Cabral, Borges, Barthes, Holanda e tantos outros que me tocam com a potência de suas linguagens. Começamos, então, pelo início. E ao passo em que for caminhando, retornarei a máxima desta discussão: o poder da literatura.

Todorov, assim como esses grandes mestres do conhecimento da linguagem, começa o seu *A Literatura em Perigo* (2020) com uma retomada às suas memórias, especialmente as ligadas à leitura. É interessante notar como o autor elege a linguagem como um caminho de emancipação. Neste ponto, chegamos a uma discussão intermitente nos estudos literários: afinal, é o autor que faz o leitor ou vice-versa? Permitir-me-ei em abrir uma fenda discursiva e retornar ao texto de Todorov, em seguida.

## **O leitor**

Antes de tudo, somos leitores. E eu ainda me atreveria a ir além: antes de tudo, o artista é um grande leitor. Pois é só a partir daquilo que ele acessa, enquanto material de conhecimento, que ele consegue materializar as suas vivências no espaço da arte, seja ela pelo campo do verbal ou do não verbal.

João Cabral de Melo Neto, um dos maiores agentes da arte poética, diz, no documentário *Recife x Sevilha* (2003), da lástima que foi ficar cego, pois aquilo, para ele, o impossibilitava ser o que mais gostava: um leitor. O que mais chama a atenção nesta fala é como Cabral não se coloca como escritor. Para ele, nada é mais importante do que a leitura. É dela que ele se forma, é por ela que ele se comunica e nela que ele se traduz enquanto cidadão do mundo. O exemplo de Cabral, tão singular quanto belo, é apenas um dos exemplos daquilo que sinalizamos antes.

Usemos mais um exemplo, agora de outro sujeito que teve muita intimidade com a linguagem poética: Jorge Luís Borges. Em *Este ofício do verso*, o argentino, ao refletir sobre o credo de um poeta, diz que o que ele leu é muito mais importante do que aquilo que escreveu, e destaca: “pois a pessoa lê o que gosta – porém não escreve o que gostaria de escrever, e sim o que é capaz de escrever”. (BORGES, 2019, p. 95).

Como se nota, um escritor não é nada mais do que um leitor. Assim, entramos em outro estágio de reflexão crítica: se o escritor é um leitor, então isto implica em dizer que o escritor depende do leitor para ser ou estar sendo um artista da linguagem? Essa é uma discussão antiga e ao mesmo tempo atual, pois ao modo em que as sociedades vão evoluindo essas questões têm ganhado outras conotações. Noutras palavras, essas temáticas vão se retroalimentando ao passo em que novas leituras vão surgindo, como em uma crítica infinita.

Roland Barthes, um dos expoentes do pensamento crítico da discussão leitor/escritor, assinala, em *A morte do autor* (2004, p. 4), que: “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor”. Como assim? Ao que parece, Barthes percebeu que é pela experiência do leitor que o escritor existirá enquanto agente da linguagem, pois é ele quem irá preencher as lacunas do texto com as suas interpretações, como diz Iser em *O fictício e o imaginário*, 2013. Então, é só na morte do escritor que o leitor nasce? Essa é a grande questão levantada por Barthes.

Assim, se pode pensar que o escritor nada é mais do que um emissário da arte: um porta-voz da linguagem. Entretanto, o escritor não detém o controle da experiência subjetiva de cada leitura feita do seu texto. Ele apenas transmite o que sente a partir daquilo que leu, como apontou Borges (2019). Ou seja, ao que parece, a leitura é o espaço de iluminação espiritual do escritor. E a escrita, é onde ele vai verbalizar as suas emoções. Em síntese, sim, Barthes tem razão. É só na morte do escritor que o leitor nasce. Ademais, o leitor só existe por causa da escrita. E quem a cria, é o escritor. Logo, ambos são partes de uma mesma moeda e frutos de uma mesma raiz: a linguagem.

Até aqui, se nota o quanto a experiência de leitura é significativa no processo de recepção. E a imagem criada, a partir da leitura, impulsiona os elementos sensoriais do leitor; expandindo os signos transpostos na linguagem. Que, nesse processo, exerce a função de catalisador do sensível. E, ao perder alguns dos fios que o conectam com a rede imaginária da linguagem, o leitor entra em um abismo sensorial, pois ele não consegue, em certa medida, perceber o *encoberto*. Ver a vida imitando a arte ou vice-versa.

Por essa razão, talvez, Borges e Cabral tenham se lastimado tanto ao terem perdido a visão, já que aquilo os impedia de explorar os cativeiros do sensível. Os deixando à deriva e na escuridão da sua própria existência. Por isso, precisaram, enquanto “leitores despertos” (PIGLIA, 2006, p. 21), se reeducar aos sentidos e se reconectar com as imagens do mundo. Se tornando, desse modo, leitores por essência: aqueles que usam a leitura não apenas como uma

prática, mas sim como uma forma de viver e catalogar as suas imagens poéticas. Ainda nessa perspectiva, observemos o que Foucault traz:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um 'corpo'. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada – como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue (FOUCAULT, 2004, p. 152).

A partir dessa leitura, podemos fazer a seguinte comparação: uma planta pode existir por si só, mas, para ela realizar a sua fotossíntese, precisará de luz, bem como o escritor precisará do leitor. Pois sua luz, enquanto instância de significação, vem da leitura, vem do outro: vem da linguagem.

Em uma das aulas de Crítica Literária, ministrada em 2021 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Lourival Holanda afirmou que: “a linguagem é uma possibilidade de pensamento”. Atrever-me-ei, mais uma vez: além de uma possibilidade de pensamento, a linguagem é uma luz que ilumina a escuridão da razão, muitas vezes condicionada por agentes externos. Como, por exemplo, políticas públicas que não contemplam o pensamento crítico na educação. Assim, através desta fala de Holanda, voltamos a Todorov e levantamos a seguinte pergunta: se a linguagem é uma possibilidade de pensamento, por que a literatura está reduzida ao absurdo?

## **O absurdo**

Corroboro a angústia de Todorov ao observar que a escola formaliza o estudo da literatura a compreensões e definições que engendram o pensamento crítico. Anulando o gozo das palavras e da experiência, uma vez que como Holanda também proferiu em aula: “toda definição é uma negação”. A isso, a meu ver, seria pertinente e transformador ensinar literatura por um viés da alteridade, como um contato consigo mesmo. Ou como diria Fernando Pessoa em *O Livro do Desassossego* (1999), como uma relação familiar: onde várias visões vão se aproximar ou se afastar do objeto de contemplação da arte. Que aqui, é uma maneira de sentir o outro. Ainda segundo Pessoa, é preciso dizer com simplicidade e singularidade, afinal: “a arte é fazer o outro sentir o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação”. (p. 03).

Lacan (1998) já compreendia as fronteiras da linguagem como um processo gerador de sujeitos enunciativos, as quais serão transpassadas pelo contato interpessoais. Noutras palavras, o psicanalista francês reconhecia a alteridade como um alicerce fundante da linguagem humana, que por extensão assinala a interferência do Outro, este com a letra “O”

em maiúscula para enfatizar a sua posição de mediador das manifestações humanas. Sentir o outro é, portanto, um jogo de aprendizagem interna pelo externo de si, pois como anuncia Rimbaud (2009): “*Je est un autre*” (Eu é um outro).

Mas vale ressaltar que, neste exercício ensaístico, propomos uma confluência entre essas vias filosóficas do *Nilismo* e *Solipsismo*. Isto é, buscamos entender a experiência interna a partir do externo. Pois reconhecemos que essas compreensões, se generalizadas, podem se desvincular da experiência de perceber o mundo por meio de nós mesmos.

### **A literatura além dos muros da escola**

Através dessa sinalização crítica, se entende que o estudo de literatura precisa ser na escola, uma ponte e não um abismo. E suas teorias devem ser discutidas, estruturalmente, na universidade. Na educação básica, como a própria nomenclatura propõe, se deve aprender o essencial, aquilo que irá condicionar a um caminho simples e singular de ler, sentir e compreender a vida.

Permitam-me outro exemplo, novamente de cunho pessoal. Há alguns anos lecionei em uma escola da rede pública do município onde moro aqui em Alagoas. Lá, ministrei aulas de reforço em Língua Portuguesa. Minha prática pedagógica era guiada por uma matriz curricular que prezava pelo bom entendimento e compreensão de textos. Então, como didática de ensino, eu buscava avaliar os discentes com produções textuais de caráter livre. Onde eles(as), em seu espaço de expressão, iriam manifestar as suas impressões e indagações dos textos apresentados. Alguns alunos(as) gostavam. Já outros(as), nem tanto. Um destes, certa vez, me perguntou sobre o porquê eu só fazia prova “*com negócio de escrever poema*”. De imediato, fiquei sem reação. Mas, aos poucos, organizei um raciocínio e tentei argumentar:

*"Você não faz ideia, mas quando está produzindo um texto, está criando. E esse processo, se não fosse realizado por outra pessoa, nunca existiria. Então, no final, você está existindo através desses poemas"*.

Não sei, sinceramente, se a minha reflexão tocou aquele menino, oriundo de uma realidade de *inocência pisada*<sup>1</sup>. O que sei é que foi daquela forma que fui transformado pela literatura; que saí da posição de espectador e me tornei narrador da minha própria existência. E é isso que Todorov define como necessário para se ir além dos muros da escola e da vida: é fazer com que a literatura seja sentida como uma paixão e não como uma obrigação disciplinar.

Por este fato é preciso que leitores, escritores e professores a vejam, também, como uma filosofia de vida, uma religião. Pois se, a meu ver, buscamos em deuses acolhimento espiritual

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Clarice Lispector durante entrevista à TV Cultura, em 1977. Na ocasião, Lispector comentava sobre a personagem que viria a protagonizar o ainda inédito *A hora da estrela*, Macabéa, e de sua realidade fatídica e de “inocência pisada”.

para suportar os pesares do existir e a iminência da finitude e da morte, podemos, de igual modo, encontrar na literatura respostas ou afagos para as dúvidas que nos cercam. Indo, portanto, para além das muralhas do ser.

### **Alerta de hoje: perigos de sempre**

Abrindo mais uma fenda discursiva, gostaria de refletir, brevemente, sobre o momento atual, tão insalubre quanto perigoso. Refiro-me à liquidez das relações humanas, tão marcadamente ceifadas pela urgência *de ser*. Notem que a preocupação não é *estar sendo*, é ser para ter; para acessar os prazeres criados pela modernidade.

Vivemos em uma era onde a experiência se perdeu e a linguagem se tornou obsoleta. Dando lugar a algoritmos, cuja única função é desconfigurar a nossa racionalidade biológica. Com efeito, não é de se espantar que, no século da *uberização* da existência, a educação esteja velada do seu compromisso social. Afinal, a quem interessa que saibamos ler o nosso próprio presente? Aos políticos? As grandes corporações? A igreja? Nenhuma das opções, pois são essas as instâncias que detém do monopólio econômico e retórico da sociedade e a utilizam como estratégia de alienação, segregação e extermínio do senso crítico. E essas são, a meu ver, uma das moradas dos perigos de sempre.

### **O que pode a literatura, então?**

Para Ezra Pound (2014), a função da literatura é nutrir de impulsos. Tal percepção me dá o respaldo para responder a pergunta de Todorov: o que pode a literatura?

– *Nutrir de impulsos.*

Os quais darão forças para imprimir o verbo, materializar enunciados e gerar significações. E como o ato de significar, segundo Bosi (1977), representava para os antigos hebreus dar nomes às coisas, estendo meu comentário à literatura. Possivelmente essa seja a resposta. Aliás, essa é a minha resposta: a resposta de um sujeito que se encontra obtuso em meio à lexicologia da vida e encontrou, apenas na linguagem, um espaço de transformação. Talvez, a ratificar, esta seja a máxima de Todorov: de fazer com que a literatura seja vista como mais do que um artefato estético, e sim como um veículo (trans)formador. E por essa falta de compreensão, ela, a literatura, se encontra em perigo. Afinal, isto atrapalha o seu avanço enquanto matéria de humanização. O que pode, então, a literatura?

Para mim, ela pode mudar o mundo a partir de um quintal, de uma aldeia. Pode aproximar culturas, viabilizar avanços sociais, econômicos. Pode, igualmente, destruir impérios, ditaduras, sistemas de opressão. Uma vez que, como apontou Lourival Holanda em outra aula de Crítica Literária: “o escritor tanto é um arquiteto como um anarquista”. Pois ao mesmo tempo em que cria a sua estrutura de linguagem, ele subverte a ordem social. Portanto,

a literatura pode, enfim, dar voz a quem foi amordaçado pelos silenciamentos sistêmicos, nos tirar da condição *fabianesca* e nos dar alicerces de vida e alento aos perigos do viver.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins: Fontes, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. In: Vários escritos. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- RIMBAUD, Arthur. **Correspondência**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.
- SEVILHA, Recife: João Cabral de Melo Neto. Direção: Bebeto Abrantes. Brasil, 2003. DVD, (52 min).
- TODOROV, TZVETAN. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.